

Brasília, patrimônio universal. 1º DEZ 1987

Hermano Alves

A inscrição de Brasília no Patrimônio Mundial, por decisão da UNESCO, é uma notícia alvissareira e um fato inédito que merece atenção toda especial — coisa que, infelizmente, não está sucedendo. Trata-se de uma vitória do Brasil, obtida pela persuasão, que revolucionou os critérios da Organização para Educação, Ciência e Cultura das Nações Unidas. Até recentemente, a UNESCO nem sequer discutia menos de um século de idade. Brasília tem apenas 27 anos — e isto dá uma idéia do triunfo obtido.

Alguns leitores poderão indagar qual a vantagem desse êxito alcançado por José Aparecido de Oliveira, o governador do Distrito Federal. Em primeiro lugar, salva-se o projeto de Lúcio Costa, aprovado por um júri internacional que reconheceu ter ele “o espírito do século XX”, definindo-o como “puro, livre e aberto, disciplinado sem ser rígido”. Em segundo lugar, preservam-se as características do Plano Piloto protegendo-o da especulação imobiliária que desfigurou outras cidades planejadas, como Belo Horizonte e Goiânia.

Salvam-se as áreas verdes, que aumentam, a cada dia que passa, com o plantio maciço de mudas de numerosas espécies — o que equivale a preservar a qualidade da vida. Trata-se de uma significativa contribuição à arquitetura e ao urbanismo modernos (Brasília é uma consequência lógica do movimento modernista) do Brasil e do mundo inteiro. As portas do financiamento internacional es-

tão agora abertas — o que vai facilitar o cumprimento da segunda meta de Zé Aparecido, a despoluição do Lago Paranoá, incluído na área sob proteção e cuidado da UNESCO e em uma legislação brasileira que teve por origem um projeto do deputado Santiago Dantas — jurista, político e esteta.

O mais impressionante conjunto de monumentos do século XX — a Catedral, os Palácios do Congresso, do Planalto, da Alvorada, o Itamaraty, o Ministério da Justiça, o Teatro Nacional e outros ainda no papel, como o Arquivo e a Biblioteca nacionais, todos criados pelo arquiteto-escultor Oscar Niemeyer — permanecerá intocado. Fica implícita a revisão de alguns atentados cometidos contra Brasília, como esse horrível, sombrio, mal traçado e arrogante aeroporto que a FAB construiu, ao arpejo da lei, para rejeitar o comunista Niemeyer — o célebre autor da Igreja da Pampulha, decorada com azulejos sobre São Francisco de Assis —, por outro comunista, Cândido Portinari.

Que a decisão da UNESCO para proteger a cidade de Juscelino Kubitschek coincida com a celebração dos 80 anos de Niemeyer é um motivo de alegria. É a História a fazer justiça a JK e Oscar, graças à obstinação de Zé Aparecido que, desde 1985, no Ministério da Cultura, decidiu retomar o projeto de resgate da memória de Brasília, estudado pelo grupo de Aloísio Magalhães, em 1981. Aparecido, jornalista de origem, começou a sua vida

política na Prefeitura de Belo Horizonte e isto o levaria a refletir sobre o futuro das cidades planejadas. O círculo de relações que formou no Rio de Janeiro, particularmente nos meios artísticos e intelectuais, e a sua inevitável ascensão ao Ministério da Cultura fizeram com que, ao chegar ao governo do Distrito Federal, já soubesse o que ia fazer.

A equipe original — Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, Athos Bulcão, Burle Marx, Bruno Giorgi, Marianne Peretti, Alfredo Ceschiatti e outros — foi trazida de volta. A construção da ciclovia, a retirada dos grotescos mármores aplicados no Palácio da Justiça etc. provocaram reações precipitadas e até infantis. A decisão de salvar a cidade do crescimento vertical que já arruinou São Paulo e Rio de Janeiro movimentou o lobby dos empreiteiros e dos engenheiros de caixotes. Zé Aparecido contou, sem dúvida, com a carta branca de José Sarney e Celso Furtado, mas muitos foram os momentos de agonia, incerteza e até desespero. Agora, Zé Aparecido tem a sua recompensa — ele, que foi atacado por toda a espécie de espertalhões e ignorantes do Planalto Central e de outras regiões. De qualquer modo, não há tombamento. O que há é inscrição no Patrimônio Universal, o que marca a diferença entre Brasília e Olin-da. A capital continuará a sofrer alterações e a crescer de acordo com as características definidas por Mário Pedrosa, André Malraux e outros: “gregúria, bucólica, residencial e monumental”.

JORNAL DE BRASÍLIA